

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAIO ALBERTO MARTINS

**A IMORTALIDADE DA ALMA EM FÉDON DE PLATÃO NAS AULAS DE FILOSOFIA
PARA O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

CURITIBA

2018

CAIO ALBERTO MARTINS

**A IMORTALIDADE DA ALMA EM FÉDON DE PLATÃO NAS AULAS DE FILOSOFIA
PARA O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Filosofia da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Sigwalt de Miranda

CURITIBA

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, Solange Kulig Martins (1958-2018), que o acompanhou no início. Escrevê-lo foi muito difícil. Eu comecei a redigi-lo enquanto ela estava enferma. O tema passou de uma inquietação inicial a qual tive como professor para algo real relacionado à passagem dela para a eternidade. Dar sequência ao assunto foi bem difícil após o falecimento dela. Mas, eu me esforcei justamente porque ela sempre se sentia muito orgulhosa não só pelo meu apreço aos estudos, mas também por eu estar estudando na UFPR. Muitos sábados eu deixei de estar com ela para poder participar das aulas deste curso de forma presencial no campus do Edifício Dom Pedro II a fim de cursar as disciplinas da Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha gratidão aos meus pais pelo incentivo na realização deste curso. Agradeço também ao professor Dr. Luiz Felipe Sigwalt de Miranda pela orientação e paciência comigo na elaboração deste trabalho. Também sou grato à Luana Oliveira Medeiros, pela compreensão em momentos que me foram difíceis com a vivência do luto que tive durante o desenvolvimento desta pesquisa.

EPÍGRAFE

A alma é não-mortal e não pode ser destruída, disse Sócrates.
É, pois certo que as nossas almas habitarão o Hades.

Fédon, Platão.

RESUMO

Este trabalho busca analisar o conceito da imortalidade da alma no diálogo Fédon de Platão e relacioná-lo com as aulas de Filosofia para o 1º ano do ensino médio. Com tal proposta, buscam-se metodologias para o ensino deste tema nesta etapa de ensino. Por isso, é necessária uma investigação sobre o uso da teoria platônica da imortalidade da alma na Teoria do Conhecimento. E neste sentido, as propostas pedagógicas podem despertar o interesse dos alunos por esta temática em sala de aula. Com este objetivo, o já citado diálogo platônico, poderá ser um instrumento de reflexão sobre a possibilidade de a alma ser imortal ou não. Tornando também oportuno aos estudantes, a discussão sobre as formas e possibilidades do conhecimento, bem como o contato deles aos diversos pontos de vistas que são suscitados a partir do debate ocasionado pelo embate de ideias que são produzidos ao longo da pesquisa. Diante de tudo isso, o professor também precisa selecionar quais caminhos deve trilhar a fim de planejar e conduzir bem as suas aulas.

Palavras-chave: Imortalidade; Imortalidade da Alma; Platão; Ensino Médio; Filosofia.

ABSTRACT

This work seeks to analyze the concept of the immortality of the soul in Plato's Phaedo dialogue and to relate it to Philosophy classes for the first year of high school. With this proposal, methodologies are sought to teach this theme in this stage of teaching. Therefore, an investigation is needed on the use of the Platonic theory of soul immortality in the Theory of Knowledge. And in this sense, the pedagogical proposals can arouse students interest in this subject in the classroom. With this objective, the already mentioned platonic dialogue, can be an instrument of reflection on the possibility of the soul being immortal or not. Also making it opportune to the students, the discussion about the forms and possibilities of knowledge, as well as the contact of them to the diverse points of view that are raised from the debate caused by the clash of ideas that are produced throughout the research. In the face of all this, the teacher also needs to select which paths to take in order to plan and conduct their classes well.

Key-words: Immortality; Immortality of the soul; Plato; High school; Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. A IMORTALIDADE DA ALMA NO DIÁLOGO FÉDON DE PLATÃO.....	09
2. A RELAÇÃO ENTRE A IMORTALIDADE DA ALMA NO DIÁLOGO FÉDON DE PLATÃO E A METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	20
3. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O USO DA TEORIA PLATÔNICA SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO	27
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

A imortalidade da alma é um tema que costuma despertar o interesse dos alunos no ensino médio. Este assunto, ao ser abordado em sala de aula, costuma sensibilizar os discentes para a reflexão sobre o que podemos conhecer. Tal proposta vem ao encontro do ensino da teoria platônica no 1º ano do ensino médio.

Inicialmente será apresentada a temática da imortalidade da alma no diálogo “Fédon” de Platão. Depois, se seguirá o desenvolvimento que este assunto pode ter na relação com a metodologia do ensino de filosofia no 1º ano do ensino médio. Propondo assim, ao final, propostas pedagógicas de como aplica-la em sala de aula.

1. A IMORTALIDADE DA ALMA NO DIÁLOGO FÉDON DE PLATÃO

Fédon, um dos seguidores de Sócrates¹, é lembrado no diálogo Fédon de Platão tendo o seu nome como título da obra. Sabe-se que o cenário desta narrativa é a prisão onde se busca contar o último dia da vida de Sócrates².

O diálogo se inicia com os interlocutores Echecrates e Fédon³. Nele, Echecrates quer saber se Fédon esteve presente no último dia da vida de Sócrates? E pede a ele que conte como foi esse momento?⁴

Na sequência, a narrativa também apresenta que Sócrates afirma que “a festa do deus”⁵ o impediu de morrer “após o julgamento”⁶. O que evidencia a influência que a mitologia grega tinha no contexto de sua execução.

Ao falar da morte, que é um conceito fundamental na compreensão da imortalidade da alma, Sócrates ainda esclarece que:

(...) parece provável não haver nada de irracional neste dever de não se matar a si mesmo, de esperar que a divindade nos envie uma determinação qualquer, semelhante a esta que agora se apresenta a mim. (PLATÃO, 2011, p. 24).

Diante disso, Cebes, um outro interlocutor que aparece posteriormente no diálogo, realiza uma objeção na qual afirma que não entende que “os mais sábios dos homens não se contrariem ao sair desta tutela, em que eles têm, para os dirigir, precisamente os melhores mentores que existem – os deuses”⁷.

Ele defende em seguida que: “são os homens sábios que devem irritar-se ao morrer enquanto os insensatos se alegrarão”⁸. O que nos permite pensar que tal postura gera uma análise sobre como cada pessoa ou grupo de pessoas pode reagir diante da temática da morte.

Sócrates, por sua vez, defende que tem “a esperança de que depois da morte haja alguma coisa que, como diz uma antiga tradição, vale muito mais para os bons do que para os maus”⁹, revelando um aspecto ético em seu discurso. Uma vez que, está analisando a

¹ Cf. PLATÃO (2011, p. 11).

² Cf. IBIDEM.

³ Cf. PLATÃO (2011, pp. 16-17).

⁴ Cf. Idem (p. 18).

⁵ PLATÃO (2011, p. 22).

⁶ IBIDEM.

⁷ IDEM (p. 24).

⁸ IDEM (p. 25).

⁹ IBIDEM.

conduta das pessoas ao agirem de modo considerado bom ou ruim. Isso nos permite dizer que Sócrates tinha como referencial os valores morais gregos nos quais aquilo que era bom deveria prevalecer.

Ele ainda continua a sua fala, argumentando que:

(...) Todos os que se dedicam à filosofia, no sentido preciso da palavra, correm o risco de ser mal compreendidos; assim, os outros homens julgam que sua única ocupação é a de morrer, e de estarem mortos! Ora, se esta fosse a verdade, seria bem estranho que um homem não tendo durante toda a vida, outra preocupação senão a morte, se irritasse ao chegar àquilo que até então lhe absorvia todo o espírito! (PLATÃO, 2011, p. 26).

Tal citação nos remete ao pensamento de que os que estudam filosofia podem ter uma análise muito diferente dos demais. Isso pode ocasionar má compreensões ou totais incompreensões. O fato é que a postura que o homem tem sobre a morte não é única.

E Sócrates conclui sobre a morte, que ela: “não é outra coisa senão a separação da alma do corpo”¹⁰. Segundo Sócrates, “trata-se de uma condição de progresso no conhecimento do objeto de nosso exame”¹¹. E de fato assim o é. Pois, essa conclusão que Sócrates faz, permite analisar o corpo separado da alma. Algo significativo para a análise sobre o sentido da morte.

Assim, a discussão segue e Sócrates finalmente apresenta a relação entre o conhecimento e a alma:

- E, agora, no que diz respeito propriamente à aquisição do conhecimento, o corpo, diz-me, é ou não um entrave, se nas nossas indagações pedirmos o seu concurso? Penso, por exemplo, nisto: os olhos e os ouvidos fornecem alguma verdade ao homem ou, então, como mesmo os poetas nos repetem continuamente, nós não ouvimos nada, não vemos nada exatamente? Portanto, se entre os sentidos do corpo, os olhos e os ouvidos são inexatos e incertos não se poderia esperar coisa melhor dos outros, todos inferiores, penso, àqueles. Não é essa também a tua opinião? – Certamente, disse. – Quando é, pois, continuou Sócrates, que a alma atinge a verdade? Portanto, quando é com o auxílio do corpo que ela tenta resolver uma questão qualquer, a coisa, neste caso, é clara: o corpo a engana completamente. (...) E, sem dúvida, ela raciocina melhor precisamente quando livre de qualquer perturbação, parta esta dos ouvidos, dos olhos, de uma dor (...). (PLATÃO, 2011, p. 28).

Nessa citação, Sócrates mostra o problema que gera a separação entre a alma e o corpo já que o corpo pode atrapalhar o conhecimento pleno da verdade que a alma tanto anseia.

¹⁰ PLATÃO (2011, p. 27).

¹¹ IBIDEM.

Nisso, ele também indagará sobre a possibilidade do conhecimento e irá apreciar a ideia de que:

Quem chegaria a esse resultado, na sua maior pureza, senão aquele que, no mais alto grau possível, usasse, para se aproximar de determinada coisa, somente o pensamento, sem recorrer – no ato de pensar – nem à vista, nem a qualquer outro sentido, nada acrescentando ao raciocínio?

O problema filosófico sobre isso está lançado: é preciso separar a alma do corpo?

Neste diálogo, Sócrates considera o corpo como mal¹² e em razão disso cita que “não nos chega mesmo, realmente nenhum pensamento sensato, nem um só!”¹³. Ele analisa que as riquezas e as guerras ocorrem em razão do apeço ao corpo, o que causa também a pouca dedicação à filosofia¹⁴.

Sócrates considera o corpo como “intruso”¹⁵ que pode nos privar da “verdade”¹⁶ e assim, pondera que:

ou não nos é possível, de nenhuma maneira, adquirirmos o saber ou, então, somente será possível, de nenhuma maneira, adquirirmos o saber ou, então, somente será possível quando estivermos mortos, pois será apenas nesse momento que a alma estará em si mesma e por ela mesma, separada do corpo, e não antes. (...) chegados, afinal, desse modo, à pureza, por termos sido separados da demência do corpo, estaremos verossimilmente unidos a seres semelhantes a nós; e por nós, somente por nós, conheceremos aquilo que é isento de impureza. (PLATÃO, 2011, p. 30).

Em sua análise, Sócrates defende que só teremos o pleno conhecimento quando a alma finalmente se separar do corpo. Isso é demonstrado nessa citação anterior na qual se fala de isenção daquilo que não é puro.

De qualquer modo, ainda sobre a morte, Sócrates nos indica que na separação entre a alma e o corpo, “os que mais cuidam, e os únicos a fazê-lo, são os filósofos, no sentido verdadeiro do termo (...)”¹⁷ e acrescenta que “é bem uma verdade que aqueles que, no sentido justo do termo, filosofam, se exercitam a morrer, e que a ideia de morte é para eles

¹² “enquanto tivermos o corpo, e nossa alma estiver confundida com essa coisa má, nós não possuiremos jamais suficientemente o objeto de nosso desejo” (PLATÃO, 2011, p. 30).

¹³ IDEM (p. 30).

¹⁴ Cf. PLATÃO (2011, p 30).

¹⁵ Cf. IBIDEM.

¹⁶ Cf. IBIDEM.

¹⁷ PLATÃO (2011, p. 31).

coisa muito menos temível do que para qualquer outra pessoa”¹⁸. Expondo assim, que a filosofia deve se ocupar com o tema da morte e que os filósofos aspiram a falar dela:

Se os filósofos estão realmente, em todos os pontos, em discordância com o corpo e se desejam, de outro lado, que a sua alma exista em si mesma e por si mesma, não seria o cúmulo da falta de razão se a realização disso os assustasse ou intimidasse? Isto é, se não fossem com alegria para o lugar onde, uma vez chegados, iriam encontrar aquilo que amaram durante toda a vida – e amaram o saber – e, além disso, onde se sentiriam livres da companhia justamente daquilo com que onde se sentiriam livres da companhia justamente daquilo com que tinham entrado em discórdia? (PLATÃO, 2011, p. 32).

Contudo, Cebes discorda de Sócrates em relação à alma¹⁹ e expõe que ela:

é para os homens uma abundante fonte de incredulidade. É possível, dizem eles, que a alma, uma vez separada do corpo, não exista mais em nenhum lugar; talvez, no mesmo dia em que o homem morra, ela se destrua e morra: desde o instante dessa separação, talvez ela saia do corpo para dissipar-se como um sopro, ou como fumo, e assim, esvaindo-se e desfazendo-se, nada mais seja, em nenhum lugar. (PLATÃO, 2011, p. 35).

A argumentação de Cebes vem ao encontro daquilo que os ateus acreditam. Entretanto, Sócrates questiona Cebes e não concorda com o seu pensamento. Ele lhe indaga se as almas dos mortos estão no Hades ou não?²⁰ Para sustentar sua argumentação, recorre ao argumento dos contrários²¹ até finalmente chegar no dilema entre a vida e a morte²². Com isso, ele explana que:

(...) tanto provêm os vivos dos mortos como os mortos dos vivos. Ora, assim sendo, já nos podia parecer ser isso uma prova bastante para admitir que as almas dos mortos existam em algum lugar, de onde tornam a nascer. (PLATÃO, 2011, p. 38).

Este “reviver”²³ que Sócrates afirma no diálogo é retomado por Cebes que relembra que isso se trata da “reminiscência”²⁴, ou seja, uma lembrança do passado.

O diálogo continua e é apresentada a questão da semelhança entre o visível e o corpo e, entre a alma e o invisível²⁵. Bem como, o tema da identidade²⁶:

¹⁸ IDEM (p. 32).

¹⁹ Cf. PLATÃO (2011, p. 35).

²⁰ Cf. PLATÃO (2011, p. 36)

²¹ Cf. IBIDEM.

²² Cf. IDEM (p. 37).

²³ PLATÃO (2011, p. 39).

²⁴ IBIDEM.

²⁵ Cf. PLATÃO (2011, pp. 46-50).

²⁶ Cf. IDEM (p. 49).

(...) a alma, às vezes, utiliza-se do corpo para examinar uma questão qualquer, servindo-se dos olhos, dos ouvidos e de outro sentido; pois é o corpo que é o instrumento, quando por meio de um sentido se faz o exame. A alma, então, como dizíamos, é levada pelo corpo na direção daquilo que não guarda jamais a sua identidade; e ela mesma se torna errante, perturbada, tudo lhe girando em torno como se estivesse embriagada (...). Quando, ao contrário, a alma esteja em si mesma e por si mesma neste exame, ela se lança na direção daquilo que é puro, daquilo que existe sempre, que não morre, que não varia; (...) e assim cessa de errar, e, na companhia dos seres a que nos referimos, ela também conserva sempre a sua identidade e a sua mesma maneira de ser: é que ela está em contato com coisas da mesma espécie. (PLATÃO, 2011, p. 50).

Além disso, no diálogo a alma é identificada com o “divino, imortal, inteligível, aquilo cuja forma é una, (...) indissolúvel e que permanece (...) idêntico a si mesmo”²⁷. Já o corpo é descrito como “humano, mortal, não inteligível, aquilo cuja forma é múltipla (...), o que não permanece jamais idêntico a si mesmo (...)”²⁸.

A obra também nos revela que há um destino para as almas na qual cada alma:

vai para um lugar da mesma natureza que ela, lugar nobre, lugar invisível, para a região do Hades, para chama-la por seu próprio nome, perto do Deus bom e sábio (...), é essa alma, digo, que é assim feita e tem tal natureza, é ela que, apenas separada do corpo, se dispersa e desfaz, segundo diz a maior parte dos homens! (PLATÃO, 2011, p. 51).

A discussão segue e a conversa passa a ser sobre a questão da migração das almas que segundo o texto: “far-se-á, de acordo com o que foram, para qualquer espécie de animal sociável e pacífico”²⁹.

Tem-se também o adendo de que: “ou, então, voltarão para a sua primeira forma humana, para dar nascimento a homens de bem”³⁰. O interlocutor justifica que “quanto à espécie divina, a ela não chegarão os que não filosofaram, os que não se separaram do corpo perfeitamente puros: a ninguém é lícito chegar senão ao filósofo”³¹.

Assim, a alma do verdadeiro filósofo reconhece que nada deve fazer de contrário à sua libertação, e desse modo ela se mantém afastada dos prazeres, e também dos desejos, das dores, dos terrores, tanto quanto puder. (PLATÃO, 2011, p. 55).

Em seguida, é a vez de Símias expor a sua teoria sobre a alma:

²⁷ PLATÃO (2011, p. 51).

²⁸ IBIDEM.

²⁹ PLATÃO (2011, p. 54).

³⁰ IBIDEM.

³¹ IBIDEM.

Admitindo-se que o nosso corpo se mantenha em tensão interna, tendo a sua unidade garantida pelo calor e pelo frio, pelo seco e pelo úmido, e outros elementos semelhantes, são a combinação e a harmonia desses opostos que constituem nossa alma, quando eles se combinam mutuamente e na devida medida. Assim, se a alma é, precisamente, uma harmonia, a coisa está clara: sempre que o nosso corpo se relaxe ou seja mantido em tensão desmedida pelas doenças e outros males, a alma será logo destruída necessariamente, ainda que ela seja o que há de mais divino, como são as outras harmonias (...). Vê, por conseguinte, o que nós objetaríamos à argumentação, na qual se sustentasse que a alma, sendo a combinação dos elementos opostos de que o corpo é feito, é ela que naquilo que se chama morte, deve ser destruída em primeiro lugar. (PLATÃO, 2011, pp. 59-60).

Símias com a sua exposição insiste que a alma deve ser a primeira a acabar no momento da morte justamente pela harmonia que existe entre o corpo e a alma.

Cebes na sequência apresenta também a sua teoria:

- Eis aqui o que tenho a dizer: para mim, e isso me parece evidente, o raciocínio permanece no mesmo ponto, prestando-se às mesmas objeções que fazíamos precedentemente: que a nossa alma tenha existido antes mesmo de tomar esta nossa forma humana, eu não negarei; nada há aí com que não esteja de acordo e que (se não for presunção dizer assim) não tenha sido demonstrado de maneira plenamente satisfatória. Mas que, depois de nossa morte, ela continue a existir eis o ponto com o qual não concordo. Não que a alma não seja coisa mais resistente e mais duradoura que o corpo (...). A alma, dir-se-á, é coisa duradoura, e o corpo, de seu lado, coisa mais frágil e de menor duração. Mas, na realidade, acrescentar-se-ia, todavia, que cada alma usa numerosos corpos, tanto mais se esta alma dura na vida grande número de anos (...). Por conseguinte, nós não podemos ainda aceitar o raciocínio a que nos referimos, e não podemos, assim, confiar em que, após nossa morte, a nossa alma continuará a existir em algum lugar (...). Ora, desta morte, desta dissolução do corpo que dá na alma o golpe fatal, ninguém tem consciência, dirá ela, pois ninguém dentre nós pode disso ter o pressentimento. Aquele que vai morrer deve sempre temer pela sua alma, isto é, no instante em que se separar do corpo, que ela também se destrua inteiramente. (PLATÃO, 2011, p. 62).

Com a sua defesa, Cebes demonstra acreditar que a alma já existia antes de nossa vida e que com a morte ela passa a não existir mais. Por isso, ele justifica que nós devemos temer pela morte.

Sócrates retoma a conversa e ao se dirigir a Símias buscar confirmar se ele compreendeu bem a sua teoria?

Salvo erro de minha parte, é o objeto de sua dúvida e de seus temores, é que a alma, embora seja algo de mais divino e mais belo que o corpo, seja destruída antes dele porque é uma espécie de harmonia. Quanto a Cebes, parece-me, concordou comigo em que a alma, de qualquer modo, é algo mais duradouro que o corpo; mas ele acrescenta que é uma coisa obscura para toda a gente o saber se a alma, depois de haver muitas vezes usado numerosos corpos, não se destrói a si mesma no momento em que abandona o último corpo, e se a morte não é justamente a destruição da alma, pois que o corpo não cessa jamais de se destruir. (PLATÃO, 2011, p. 69).

Na sequência, ele evidencia a contradição que há no raciocínio de Símias.

(...) Afirmas, de um lado, que a alma existia antes de tomar forma e corpo de homem; de outro, que ela é constituída de elementos que ainda não existiam antes dela! Efetivamente, é claro que, para ti, a harmonia não se assemelha com aquilo a que a comparas: ao contrário, o que existe em primeiro lugar é a lira, são as cordas, os sons, que nascem sem formar ainda uma harmonia; somente depois é que a harmonia se forma de todos estes sons, e eis o que é primeiramente destruído. (PLATÃO, 2011, p. 70).

Sócrates ainda acrescenta o questionamento sobre quais dos dois raciocínios Símiias deve preferir: “o que diz que aprender é recordar ou o que afirma que a alma é uma harmonia?”³².

Símiias considera o primeiro³³ como resposta e define que:

Foi dito, em substância, que o modo de existência da nossa alma, antes de entrar em um corpo, é tal como determina a sua relação com aquela existência que tem o nome de “existência em si”. Ora, este princípio, e para mim não há a menor dúvida, eu o aceitei com plena razão. Assim, parece-me, não é possível permitir, nem a mim mesmo nem a outrem, que se diga que a alma é uma harmonia. (PLATÃO, 2011, pp. 70-71).

Sobre a harmonia, Símiias esclarece que “não é possível, pois, que em uma harmonia haja vibrações, sons em sentido contrário; em suma, não pode haver nenhuma discordância entre os elementos dessa harmonia”³⁴.

Sócrates contrapõe tal argumento ao dizer que:

Há, contudo, (...) uma coisa sobre a qual se chegou a acordo precedentemente: uma alma não é, em nada, mais ou menos alma do que uma outra. E o que constitui o objeto deste acordo é que não há em uma harmonia nada maior ou mais forte, nem nada menor ou mais fraco do que em outra harmonia. Não é assim? – Certamente. – E que tal harmonia, não sendo maior nem menor harmonia do que uma outra, não é mais fortemente ou mais francamente harmonizada, não é? – É assim. – Ora, a harmonia, cuja harmonização não comporta nem mais, nem menos, pode ter em si mais ou menos harmonia, ou então comportará a mesma medida da harmonização? – A mesma medida. – E não se deve concluir que uma alma, não sendo ela nem mais nem menos alma do que uma outra, é precisamente isto, isto é, alma, e que não poderá ser mais harmonizada ou menos harmonizada? – É assim. – Mas se esta é a condição da alma, nenhuma alma poderá ter em relação a outra mais desarmonia ou harmonia, não é? – Não, certamente. – E, ainda, se essa é a sua condição, nenhuma alma poderá ter mais do que outro vício ou virtude, admitindo que o vício seja uma ausência de harmonia e a virtude uma harmonia. – Não poderá. – Mas ainda há melhor. Símiias. Sem dúvida, seguindo-se devidamente o raciocínio, nenhuma alma participará do vício, se é verdade que a alma é uma harmonia. Uma harmonia, com efeito, enquanto for plenamente isso mesmo, isto é, uma harmonia, não poderá jamais participar da ausência da harmonia. – Não,

³² PLATÃO (2011, p. 70).

³³ Cf. IBIDEM.

³⁴ IDEM (p. 71).

certamente. – E isso também não é menos claro para a alma, sendo ela plenamente alma, em relação ao vício. (PLATÃO, 2011, pp.72-73).

Esta citação nos oferece a oportunidade de repensar os argumentos de que a alma não pode ter contradição ao se relacionar à virtude e ao vício, isto é, a harmonia deve prevalecer.

Os questionamentos seguem e Sócrates finaliza a discussão.

(...) a conclusão, meu excelente amigo, é que, para nós, não é de nenhum modo bom negócio dizer que a alma é harmonia! Pois, assim, ao que parece, não estaríamos de acordo nem com Homero, poeta divino, nem com nós mesmo. – É isso, precisamente disse Símas. (PLATÃO, 2011, p. 74).

Na réplica a Cebes, Sócrates expõe que:

Ora, eis aqui o ponto principal daquilo que querias saber: queres que se demonstre a indestrutibilidade, a imortalidade da alma; sem o que, a confiança de um filósofo que vai morrer, a sua convicção de encontrar, depois de sua morte, uma felicidade que ele não teve igual vivendo uma outra vida até o fim, seria, segundo pensas, uma coisa desarrazoada e louca. Mas, demonstrar que a alma é coisa resistente, quase divina e que existia antes de nós nos tornarmos homens, isso não impede em nada, dizes, que todos esses caracteres indiquem, não que a alma seja imortal, mas que ela dura há muito tempo, que sua existência anterior haja preenchido um espaço de tempo incalculável, com um grande número de conhecimentos e ações; o que, entretanto, não lhe confere a imortalidade, pois o próprio fato de entrar em um corpo humano constitui para ela o começo de sua perda e uma espécie de enfermidade; desse modo, é uma espécie de miséria que ela deve viver essa existência e, quando a termina naquilo que se chama morte, ela deve destruir-se. De outro lado, é, dizes, completamente indiferente, pelo menos no que diz respeito aos nossos temores pessoais, que a alma entre em um corpo uma só vez ou muitas vezes. Certamente, é natural que manifeste temor aquele que, não sendo tolo, não sabe nem pode saber que ela é imortal. Essa é, Cebes, segundo suponho, aproximadamente, a tua linguagem. (PLATÃO, 2011, p. 75).

Neste trecho, o tema da imortalidade da alma é finalmente citado. Com um dilema: a alma entra uma ou mais vezes no corpo? O que se sabe é que Sócrates afirma que ela é imortal. O diálogo continua e Sócrates faz indagações:

Então, responde: o que é que, apresentando-se em um corpo, faz com que ele seja vivo? – É a alma, disse ele. – E será sempre assim? – Como negá-lo? – Assim, a qualquer objeto de que se apodere, a alma traz consigo a vida? – É o que acontece sempre, respondeu ele. – Ora, há um contrário da vida ou não? – Há, respondeu ele. – Qual? – A morte. – Não é verdade que a alma jamais deverá receber nela o contrário, o contrário daquilo que, por si, ela traz sempre consigo, e que a este respeito o acordo deve resultar do que se disse precedentemente? – Perfeitamente, respondeu Cebes. – E que se segue? Que nome dávamos há pouco àquilo que não recebe em si a natureza do par? – Ímpar, disse ele. – E o que não recebe em si o justo? E o que não é capaz de receber em si o culto? – Inculto, disse; e o primeiro: injusto. – Pois bem; e aquilo que não pode receber em si a morte, como o

chamamos? – Imortal, disse. – A alma não recebe em si a morte, não é? – Não. – A alma é, então, uma coisa imortal? – É uma coisa imortal. (PLATÃO, 2011, p. 90).

Aqui nesse trecho citado é exposta a justificativa que Sócrates dá a Cebes sobre o porquê a alma é imortal. Nota-se que a alma é apresentada como algo que dá a vida aos seres. Por isso, não pode perecer como o corpo.

Diante disso, Sócrates argumenta se a imortalidade da alma indica que a alma é indestrutível?

(...) O imortal é também indestrutível? Nesse caso, não será possível à alma, quando lhe sobrevinha a morte, cessar de existir. Pois a alma – é uma consequência certa do que foi dito antes – não receberá a morte, e não será uma alma morta; do mesmo modo como o três, nós o dissemos, não será par e muito menos o ímpar; e o fogo também não será frio, e muito menos o calor que está no fogo. (PLATÃO, 2011, p. 91)

E analisa que a alma não é mortal e que existe um destino para ela:

Por conseguinte, também agora, se, no que se refere ao imortal, estamos de acordo com que ele também seja indestrutível, a alma, além da não-mortalidade, teria também a indestrutibilidade. Se não estivermos de acordo, teremos que recomeçar. – Recomeçar? De nenhum modo, pelo menos em relação a este ponto! Portanto, dificilmente se poderia admitir a existência de algo que fosse refratário à destruição, se fosse preciso admitir a destruição para o Imortal, ao qual pertence a eternidade!. Todavia, disse Sócrates, acerca da Divindade, assim como da própria ideia da vida, e de tudo o mais que possa existir de imortal, suponho que ninguém deixará de admitir que isso jamais será destruído. – Ninguém, certamente, por Zeus! disse Cebes. Nem homens, nem, por mais fortes razões, deuses! – E se também o imortal não pode ser destruído, a alma, que é imortal, não será também indestrutível? – Necessariamente. – Quando, em consequência, a morte chega ao homem, é, como parece, o que há de mortal nele que morre enquanto o que ele possui de imortal vai, salvo da destruição, cedendo o lugar à morte. – É evidente. – Por conseguinte, Cebes, mais do que qualquer outra coisa, a alma é não-mortal e não pode ser destruída, disse Sócrates. É, pois certo que as nossas almas habitarão o Hades. (PLATÃO, 2011, pp. 91-92).

Diante do exposto, Sócrates também defende o cuidado sobre a alma:

Há, entretanto, continuou Sócrates, pelo menos uma coisa sobre a qual vós todos deveis refletir: se a alma é verdadeiramente imortal, ela precisa do nosso cuidado, não somente durante o tempo que dura o que chamamos vida, mas durante a totalidade do tempo. E, depois do que se disse, não cuidar dela, segundo parece, seria um grave perigo. Certamente, se a morte fosse uma libertação de todas as coisas, que fortuna não seria para os maus, os quais, morrendo, ao mesmo tempo em que se sentiriam livres do corpo, sê-lo-iam também, com a alma, da sua própria maldade! Mas, na realidade, agora que a alma se revelou imortal, não há nenhuma saída para seus males, nenhuma outra salvação, senão a de se tornar a melhor possível e a mais sábia. Portanto, a alma nada mais leva consigo, ao chegar ao Hades, do que sua formação moral e seu modo de vida, que é justamente, segundo a tradição, o que mais beneficia ou prejudica a quem morre, desde o começo de sua viagem para o além. (PLATÃO, 2011, p. 93).

Salientando que não é só o corpo que precisa de cuidado, mas também a alma em todos os momentos. A omissão a esse trato, poderia ser algo grave já que há o perigo dela ficar longe de sua salvação.

No diálogo, Sócrates ainda revela qual seria o processo e o destino das almas.

Ora, eis aqui essa tradição. Mal um homem cessa de viver, o seu gênio, a que havia sido atribuído pela sorte durante a vida, encarrega-se de conduzi-lo a um certo lugar, onde os mortos são reunidos para o julgamento. Depois disso, estes devem se pôr a caminho do Hades, em companhia do guia em questão, o qual tem a missão de conduzir até lá, os que daqui partem. E depois de terem passado pelo que ali deviam passar e de terem permanecido o tempo que ali deviam permanecer, um outro guia os reconduz até aqui; e para isso são necessários múltiplos e longos períodos de tempo. E o caminho não é como diz Telefo de Ésquilo! Ele afirma, com efeito, que “simples é o caminho que conduz ao Hades”. Para mim, ao contrário, ele não se afigura simples nem único: nesse caso, não haveria necessidade de guias, pois ninguém correria o risco de extraviar-se se houvesse um só caminho. Mas, na realidade, este parece ter bifurcações e encruzilhadas em grande número: os sacrifícios e as cerimônias aqui usados fornecem argumentos em apoio ao que digo. Assim, a alma dotada de prudência e sabedoria é tão obediente quanto isenta de ignorância a respeito do que lhe acontece. Aquela que, ao contrário, se apega apaixonadamente ao corpo, como já expus, e que teve este por centro dos seus violentos transportes, assim como a região visível, essa alma, só depois de muita resistência e muita provação, parte, arrastada à força e com dificuldade pelo gênio encarregado desta missão. E, chegada ao lugar onde se encontram as outras almas, a alma é evitada por todos, todos fogem dela, ninguém quer servi-la, não arranjando companheiros nem guias. Ela erra de um lado para outro, em um estado de derrota total, até que transcorram certos períodos de tempo, ao fim dos quais, em virtude de uma necessidade, ela é levada à residência que lhe cabe. Ao contrário, a alma cuja vida inteira decorreu na pureza e no comedimento, tendo encontrado deuses para lhe servirem de companheiros e de guias, sua residência é logo indicada, no lugar que lhe convém. (PLATÃO, 2011, pp. 93-94).

Tal citação nos expõe detalhadamente que há várias almas e que cada uma é tratada conforme foi sempre a sua conduta devendo ser evitada ou acolhida justamente pelas suas ações.

No diálogo há também a menção à “Aquerúsia”³⁵ que segundo o texto:

é lá que vão as almas da grande massa dos mortos, as quais, depois de uma estada cuja duração varia de acordo com o que lhes foi imposto, mais longa para umas, mais curtas para outras, dali são de novo enviadas ao mundo para novas gerações em formas de seres vivos. (PLATÃO, 2011, p. 100).

Isso gera a compreensão de que as almas podem reencarnar em novos corpos além de provarem que são imortais.

Além deste lugar, o diálogo também menciona que cada morto é conduzido conforme foi a sua conduta em vida que teve com o seu corpo.

³⁵ PLATÃO (2011, p. 94).

Há também a citação e explicação do “Aqueronte”³⁶:

Tal é a distribuição natural destes rios. Eis os mortos chegados ao lugar aonde cada um deles é levado pelo seu gênio: eles são aí, antes de tudo, julgados, tanto aqueles que tenham tido uma bela santa vida como os outros. Aqueles cuja existência haja sido reconhecida como média são encaminhados para o Aqueronte, nas barcas que lhes são destinadas e nas quais chegam ao lago. É lá que residem e lá se purificam, desembaraçando-se, pelas penas por que passam, das injustiças de que sejam culpados, assim como obtendo pelas suas boas ações, recompensas em proporção ao mérito de cada um. (PLATÃO, 2011, pp. 101).

Bem como, a função do “Tártaro”³⁷ nesse processo:

Há outros cuja condição será reconhecida sem remédio por motivo do tamanho das suas faltas: autores de roubos, sacrilégicos repetidos e graves, de homicídios numerosos, injustos e sem justificativa, e de outras más ações deste gênero; a sorte que cabe a esses é a de serem lançados ao Tártaro, de onde nunca mais sairão. Quanto àqueles cujas faltas sejam reconhecidas como faltas que, apesar de sua gravidade, não sejam sem remédio (como os que, dominados pela cólera, usaram de violência para com seus pais, mas que se arrependeram durante o resto de sua vida ou que, em outras condições semelhantes, se tornaram homicidas), para esses é uma necessidade serem precipitados no Tártaro; mas quando, depois de haverem sido ali precipitados, termina o tempo de sua estada, a maré alta os atira, os homicidas, ao longo do Cocito, e ao longo do Piriflegeton aqueles que ergueram a mão sobre seu pai ou sua mãe. Uma vez transportados à altura do lago Aquerúsia, eles chamam, ali, com grandes gritos, uns aqueles que mataram, outros aqueles contra quem usaram de violência; depois dos apelos, as súplicas, rogam que os deixem sair do lago e que os acolham. Conseguindo persuadi-los, eles saem, e é o fim de sua pena. No caso contrário, são de novo levados ao Tártaro e dali conduzidos aos rios; e tal é, sem trégua, a sua condição, até que consigam convencer aqueles que trataram injustamente; pois essa é a punição ordenada pelos juízes. (PLATÃO, 2011, pp. 101-102).

De qualquer maneira, o texto enfatiza que serão recompensados os que buscaram viver de forma santa num lugar puro e muito belo.

Aqueles, afinal, cuja vida tiver sido reconhecida como de grande santidade, são logo libertados destes lugares terrenos como de cárceres, e chegam às alturas da mansão pura, habitando acima da terra! E, entre esses, os que pela filosofia se purificaram o quanto necessário vivem absolutamente sem corpo durante todo o tempo restante, e chegam a moradias mais belas ainda que as precedentes, descrevê-las não é coisa fácil, sem falar do tempo que, presentemente, não seria bastante. (PLATÃO, 2011, p. 102).

Ou seja, todas as almas podem ser recompensadas se agirem da forma tida como a correta. O benefício é chegar à “mansão pura” que fica “acima da terra”.

³⁶ PLATÃO (2011, p. 101).

³⁷ PLATÃO (2011, p. 101).

2. A RELAÇÃO ENTRE A IMORTALIDADE DA ALMA NO DIÁLOGO FÉDON DE PLATÃO E A METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Dentre os conteúdos estruturantes curriculares para o ensino médio, a Teoria do Conhecimento é com frequência lembrada como um componente indispensável aos alunos do 1º ano do ensino médio³⁸. Além é claro, do Mito e a Filosofia.

O tema da imortalidade da alma faz parte desse processo do conhecer. O homem busca compreender a si mesmo e aos demais. Por isso, há a necessidade de se situar e relação entre este tema que está presente também no diálogo Fédon de Platão e a metodologia do ensino de filosofia para esses alunos dessa etapa de ensino.

A escolha desses conteúdos não significa, porém, que as Diretrizes Curriculares excluam a possibilidade de trabalhar com a história da filosofia. Pelo contrário, elas partilham a ideia de que sem uma consideração histórica dos temas filosóficos, a filosofia corre o risco de tornar-se superficial. No entanto, o que essas Diretrizes Curriculares desencorajam é a organização meramente cronológica e linear dos conteúdos. A história da filosofia e as ideias dos filósofos que nos precederam constituem, assim, uma fonte inesgotável de inspiração e devem alimentar constantemente as discussões realizadas pelo professor e pelos estudantes em sala de aula. Os problemas, as ideias, os conceitos e os conteúdos estruturantes devem ser desenvolvidos, portanto, de tal forma que os diversos períodos da história da filosofia e as diversas maneiras através das quais eles discutem as questões filosóficas sejam levados em consideração. (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2008, p. 40).

Com este objetivo, é preciso refletir sobre como esse ensino deverá ser abordado em sala de aula?

Um caminho possível é o uso de textos filosóficos na relação entre os conceitos apresentados e a história da Filosofia. Por esse viés metodológico, a teoria platônica sobre imortalidade da alma é bem delineada no diálogo Fédon.

Fédon é o diálogo mais completo no que diz respeito à elaboração do argumento da imortalidade da alma. Quando discorre sobre a teoria dos Contrários, Platão se utiliza da estrutura dialética de apresentar uma primeira versão do argumento para

³⁸ Cf. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: FILOSOFIA**. Paraná: SEED-PR, 2008.

num momento posterior, a partir de uma questão levantada pelo seu interlocutor, retomá-lo, aperfeiçoando. Por isso a teoria nos é explicada em dois momentos do diálogo. Então temos que uma coisa nasce do seu contrário, gera e é gerada, sempre que há relação entre ambos, de maneira cíclica, para uma compensação recíproca das gerações. O fator cíclico é muito importante, posto que no sistema linear as gerações se esgotariam (70d – 72e). Quando argumenta que uma coisa nasce do seu contrário, está se referindo ao mundo sensível. Seria mais correto dizer que trata-se aqui de coisas que possuem qualidades contrárias, pois o Contrário em si, no mundo inteligível, não sofre geração ou corrupção. É imutável. Além da geração recíproca, outra característica importante das qualidades contrárias é a rejeição recíproca. Uma coisa não admite a presença do seu contrário mesmo quando a oposição não é direta. Quando uma coisa tem em si características que fazem parte do contrário de outra que com ela se relaciona, há rejeição (104e – 105a). Platão indica alguns exemplos. Podemos nos utilizar do mais simples: o número 3 e o conceito de par. O número 3 não é diretamente contrário a par, porém uma das características de 3 é ser ímpar, que é o conceito contrário de par, assim, o número 3 rejeita o conceito de par. Agora podemos aplicar as duas informações anteriores – geração e rejeição recíprocas – aos contrários vida/morte, introduzindo a alma como oposição indireta à morte. Vida gera morte e morte gera vida, em compensação recíproca das gerações. Embora não seja diretamente contrária à morte, a alma a rejeita, ou não admite a sua presença, porque faz parte das características da vida, contrária à morte em relação direta (105d). Se a alma rejeita a morte é porque é imortal. E se concebemos o imortal como indestrutível, então a alma não perece, nem no momento da morte, nem em qualquer momento em que esteja desvinculada de um corpo, no seu estado puro. Se a alma traz em si a condição de imortalidade, traz em si também a condição de eternidade (105e – 106e). A condição de eternidade da alma embasada pela teoria dos Contrários é reforçada pela teoria da Reminiscência. (COSTA, 2008, pp. 2-3).

COSTA (2008) nos indica o motivo pelo qual o diálogo “Fédon” pode nos ser relevante num trabalho que relacione o texto de sua obra com o conteúdo estruturante Teoria do Conhecimento. Isso resgata a importância do uso de textos filosóficos em sala de aula na construção e promoção da atividade intelectual dos alunos do ensino médio.

A aula de Filosofia, em algum momento, deve passar pelo texto de filosofia, o diálogo com a tradição, com o pensamento pensado, é algo essencial para que ocorra a indagação, a reflexão quanto ao mundo que nos circunda. O texto filosófico, é filosófico por falar de seu tempo, e por dizer alguma coisa(s) para o nosso tempo, é nesse sentido que ele é importante, para que o estudante possa adquirir condições de entendimento e compreensão de sua realidade e de seu tempo. (VIEIRA, 2013, p. 4).

A busca pela compreensão do texto filosófico visa manter o conteúdo que é próprio da filosofia no exercício do filosofar. Uma vez que o aluno terá a oportunidade de ter o contato direto com o autor analisado que no caso de Platão possui um aspecto peculiar que são os diálogos.

A defesa do uso do texto de Filosofia não é mero conservadorismo ou elitismo e sim a necessidade, muito presente nas principais pesquisas sobre ensino de filosofia,

de se salvaguardar o teor filosófico. Afinal, qual o lugar da Filosofia? Em todo lugar e em parte alguma. O lugar por excelência no qual podemos encontrar a Filosofia é em sua história, no discurso dos filósofos, nos textos que trataram e tratam de questões sempre atuais, que continuam a incomodar a humanidade. (VIEIRA, 2013, p. 6).

O estudante do primeiro ano do ensino médio que em geral está na faixa etária dos 14 a 16 anos, vive um tempo de descobertas sobre si mesmo e sobre a sociedade em geral. Os temas sobre a morte, a imortalidade da alma, a relação entre corpo e alma são costumeiramente pensados e discutidos por esses jovens. O uso dos textos filosóficos platônicos referentes ao tema, podem lhes ajudar a repensar a sua realidade atual.

O ensino de Filosofia requer que os estudantes estabeleçam um confronto com a opinião, com o “que todo mundo diz”, e construam uma compreensão fundamentada quanto ao mundo que o rodeia. Os textos filosóficos em si mesmos não são o antídoto para que ocorra um processo de depuração, de libertação da mera opinião, mas potencializam, quando utilizados corretamente a construção de uma perspectiva bem fundada. (VIEIRA, 2013, p. 6).

Muitos alunos com frequência se perguntam sobre o sentido da vida? De onde viemos e para onde vamos? E nesse caminho, os textos platônicos que tratam da imortalidade da alma são atraentes para eles. Por isso, é fundamental que nessa relação entre o tema e a metodologia do ensino de filosofia, eles estejam presentes.

A presença dos textos de Filosofia nas aulas constitui mediação ou tecnologia fundamental, mas não única, para que se desenvolva o que é específico desta disciplina, ou seja, a realização do filosofar. A utilização do texto clássico de forma dinâmica, significativa e articulada à realidade cotidiana do estudante possibilita a atualização dos mais diversos problemas filosóficos. (VIEIRA, 2013, p. 6).

Como já citado anteriormente, existe sempre a possibilidade de se filosofar a partir do cotidiano dos alunos. Contudo, é preciso um exercício relacionado àquilo que a tradição filosófica considera como produção filosófica desenvolvida pelos pensadores.

A prática da leitura de textos da tradição filosófica possibilitará o contato do estudante com o pensamento dos filósofos. Muito embora, possamos encontrar problemas filosóficos no cotidiano, nos filmes, em recortes de jornais, nas poesias e nas músicas etc, é nas obras dos filósofos que residem os problemas e conceitos

metodicamente organizados que orientam a atividade filosófica. (VIEIRA, 2013, p. 7).

De qualquer maneira, a polêmica sobre qual seria o lugar da Filosofia? poderá sempre persistir. Independente de qual postura se adote em relação a este espaço.

A questão relativa ao lugar do texto de Filosofia é bastante controversa e polêmica. Seria o texto filosófico o lugar onde se encontra a Filosofia? Onde estariam os problemas filosóficos? Se a pretensão da Filosofia é a compreensão da realidade atual, por que ir aos antigos, ou seja, por que sempre estamos com o “pé” no passado? Não seria mais pertinente o trabalho apenas com textos de jornais, revistas, com vídeos, enfim com elementos mais próximos dos estudantes? Não seria mais adequado o trabalho com comentadores? (...) não seriam os textos de Filosofia muito complicados, difíceis, complexos aos estudantes de Ensino Médio? Tal perspectiva não geraria, por conta das deficiências educacionais de professores e estudantes, um afastamento do filosofar? (VIEIRA, 2013, p. 7).

Na investigação sobre o conceito de imortalidade da alma em Fédon de Platão, também se tem a possibilidade de se desenvolver a leitura e a escrita dos alunos.

A leitura e a escrita são elementos essenciais ao processo de ensino-aprendizagem, ao processo de construção do conhecimento. Educação é comunicação e a leitura e a escrita são formas destacadas de comunicação. Assim, no que tange à atividade filosófica em sala de aula, a leitura e a escrita são mediações fundamentais para o desenvolvimento do modo filosófico de pensar. A escrita, representação da oralidade por meio de signos, é possibilidade de manutenção da memória diante das mudanças temporais. (VIEIRA, 2013, p. 8).

Para que o tema e a problemática que o envolve sejam realmente compreendidos, se faz necessária a atividade de envolvimento do corpo discente na elaboração do processo de investigação da temática filosófica abordada. Platão pode ser um belo atrativo já que dialoga com assuntos que fazem parte do universo juvenil.

Ler e escrever são atividades e instrumentos extremamente importantes, essenciais para o processo reflexivo, e tais habilidades não são atingidas de maneira inata: aprende-se a ler lendo e a escrever, escrevendo. (...) A Filosofia na escola pode significar o espaço de experiência filosófica, espaço de provocação do pensamento original, da busca, da compreensão, da imaginação, da análise e do contato com os conceitos filosóficos. (VIEIRA, 2013, pp. 8-9).

Além disso, a abordagem sobre a imortalidade da alma em Fédon de Platão pode ser considerada como um tema clássico na História da Filosofia, visto que traz a dualidade entre a alma e o corpo, bem como oferece a oportunidade de se pensar sobre a forma do conhecimento humano, proporcionando reflexões sobre a Teoria do Conhecimento.

Um texto clássico é aquele que por mais que o tenhamos lido, nunca tem seus sentidos esgotados, sua leitura é sempre uma releitura. E quanto mais maduros e mais experientes formos, maiores serão as possibilidades de apreciarmos os elementos que compõem um texto clássico. (VIEIRA, 2013, p. 12).

Por esse caminho, a metodologia do ensino de filosofia nos ajuda a repensar o como o processo do filosofar pode ser vivenciado em sala de aula.

A principal questão é como chegar às questões filosóficas de forma significativa, como desenvolver o “filosofar” com os estudantes e não apenas “ler” o texto de filosofia? Como encontrar o equilíbrio no uso do texto de Filosofia e não desenvolver no Ensino Médio uma espécie de propedêutico do curso de graduação em Filosofia? Como desenvolver esta experiência de pensamento, que é a filosofia, sem cair no vazio e ao mesmo tempo não criar em nossos estudantes uma repulsa pela Filosofia? (VIEIRA, 2013, p. 18).

Assim, poderemos ter a possibilidade de uma experiência filosófica dos alunos.

Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar o problema, o qual se faz por meio da investigação, que pode ser o primeiro passo para possibilitar a experiência filosófica. É imprescindível recorrer à história da Filosofia e aos textos clássicos dos filósofos, pois neles o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão (PARANÁ, 2008, p. 60).

Bem como, a chance de se ter diferentes compreensões acerca da função do texto de filosofia em sala de aula.

De modo geral, pode-se afirmar que o texto é compreendido em ao menos três sentidos diferentes, mas interligados entre si: a) o uso do texto indicado como centro do processo pedagógico, como uma tecnologia sem a qual não se pode falar em aula de Filosofia; b) como recurso necessário, no entanto, sem indicar como tratar um texto filosófico do ponto de vista didático-pedagógico, muito menos de modo filosófico; ou seja, não estabelece nenhuma orientação em relação à análise de textos; c) indicado como referência apontando para alguns cuidados como não tomar o texto como fim, não estabelecer uma leitura linear, formal ou simplesmente cadastrada. (HORN, 2012, p. 166).

Além disso, o trabalho com o texto permite ao aluno ressignificar a sua condição social e política, bem como oportuniza ao discente a compreensão da história do pensamento ocidental na qual ele mesmo pode até se posicionar diante do mundo.

A reflexão filosófica centrada no trabalho com o texto também contribui substantivamente para a formação não só do leitor crítico, como da autoria de textos e escritos de caráter filosófico, ou seja, na produção de textos com estrutura lógica e argumentativa, bem como clareza no entendimento das ideias e na produção conceitual. A leitura e sistematização de textos filosóficos para além da inteligibilidade têm ainda outra função: a de permitir com que o estudante possa posicionar-se frente às polêmicas existenciais e problemas sociais e políticos que o cotidiano se lhes apresenta. (HORN, 2012, p. 167).

Nesse processo, o professor tem que compreender quais objetivos ele quer atingir em relação ao texto que será utilizado em sua aula. No caso de Platão, o que a imortalidade da alma pode, por exemplo, proporcionar como reflexão aos seus alunos? Sob o alerta de que “é preciso que o professor tenha uma ação consciente para não praticar uma leitura em que o texto seja um fim em si mesmo”³⁹. Resultando numa exegese ou hermenêutica textual que foge os objetivos iniciais previstos.

Apesar disso, sempre que for necessário, deve-se recorrer novamente ao texto para que ele possa ser melhor entendido.

Feita a contextualização com os devidos cuidados, há que iniciar as leituras do texto escolhido. Isto porque, a leitura filosófica de um texto filosófico não se esgota numa primeira vez. Esta deve ser mais de aproximação, que de compreensão ou de interpretação. (HORN, 2012, p. 174).

No caso do diálogo Fédon, de Platão, seria importante destacar quais são os assuntos da Teoria do Conhecimento que estão envolvidos com o tema da imortalidade da alma.

Discutir com os alunos sobre o que eles pensam sobre alma? Se eles têm conhecimento sobre crenças e religiosidades que entendem a alma de formas diferentes ou até mesmo negam a sua existência? A partir da sensibilização e a problematização é bem provável que o professor possa despertar nos alunos o interesse pela discussão sobre o tema.

A exposição das argumentações que os interlocutores tiveram no texto também é algo fundamental para relacionar o tema da imortalidade da alma com a Teoria do Conhecimento. Cada personagem presente na obra, justifica o motivo pelo qual acredita que a alma deveria ser considerada mortal ou imortal. Isso também favorece ao aluno a busca pelo desenvolvimento de sua capacidade de reflexão crítica sobre o que ele mesmo acredita em relação ao tema delineado.

³⁹ HORN (2012, p. 169).

Por isso, surge a necessidade de se pensar propostas pedagógicas para o uso da teoria platônica sobre a imortalidade da alma em sala de aula. De tal forma que a relação entre o tema e os conteúdos curriculares para o 1º primeiro ano do ensino médio sejam entendidos pelos discentes como algo que faz parte do ambiente escolar, mas que também é um processo pelo qual há sentido para a vida deles.

3. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA O USO DA TEORIA PLATÔNICA SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

O acesso ao texto filosófico é uma tarefa que a escola pode bem desempenhar quando ela lida com o objetivo de ensinar os alunos a lerem. Isso pode realmente ser um grande diferencial na vida acadêmica dos alunos.

É função primordial da escola, ensinar a ler. É função essencial da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces. A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade do indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal (RAUEN, 2018, p. 2)

Nesse sentido, a leitura das obras de Platão pode ajudar os alunos a repensarem os temas típicos do momento que eles vivenciam. As conversas e os debates propostos nos assim chamados diálogos, são temas universais que perpassam gerações: amor, amizade, a morte, a imortalidade da alma e a coragem são alguns desses exemplos.

Mesmo assim, sabemos que a leitura no ambiente escolar é sempre um desafio. Há diversas situações que fazem com que o corpo discente nem sempre corresponda à expectativa do professor. Por isso, o docente deve sempre buscar se motivar e acreditar que a leitura em sala de aula pode transformar as vidas dos estudantes ainda que nem todos percebam essa importância.

No entanto, uma das manifestações de maior descontentamento entre professores é que os alunos “não sabem ler”, “não gostam de ler”, “não aprendem a ler”, “não entendem o que o professor diz”. Portanto, o tema leitura está mais associado à ideia de fracasso que de sucesso. Discute-se que o fracasso da escola, quanto à formação de leitores, passa pelos mais diversos aspectos, entre eles: pela posição dos livros na escala de valores da tradição cultural, pelo papel que os livros desempenham no sistema educacional, ou ainda, pela própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler (RAUEN, 2018, p. 2).

Despertar os alunos para o gosto da filosofia também pode ser e até deveria ser função do professor. Como um grupo de alunos poderia gostar de algo que nem mesmo quem oferece julga como agradável? É verdade que há professores que pouca afinidade ou conhecimento de certos autores, mas a leitura prazerosa é um caminho para uma proposta pedagógica interessante em sala de aula.

Outro caminho seria o da sensibilização através de vídeos, filmes ou ainda documentários. Isso ficaria a critério do professor desde que ele não deixe de relacionar com o pensamento de Platão. Por isso, o texto filosófico também é altamente recomendado nesse caso para fazer conexão com o recurso utilizado em sala de aula. Afinal quando nos depararmos com um texto filosófico, é necessário que o professor possa realizar uma leitura filosófica.

Tal proposta pedagógica acentua a importância que essa atividade pode ter na comunidade escolar, uma vez que proporciona ao aluno um outro tipo de linguagem na qual ele pode ressignificar a sua experiência como alguém que está em constante aprendizado e ao mesmo tempo pode ganhar novo significado ao repensar a sua atividade como sujeito no mundo.

Uma leitura é filosófica não porque o texto lido (...) seja filosófico, a priori, haja vista que é possível ler textos considerados unanimemente da tradição filosófica – textos de Platão, Descartes ou Hegel – de modo não filosófico; o que torna, enfim, uma leitura “uma leitura filosófica”, e que pode ser ensinada, é esse exercício paciente de escuta do texto escrito, ou seja, a interpretação lógica dos argumentos e a marcação dos tropos, ou imagens desse texto. A aula seria, assim, a ocasião para a escuta conjunta – do aluno e do professor – de um texto no sentido da “elaboração” da linguagem e não da “aquisição de um saber”; e, neste aspecto, ela se assemelha menos à transmissão de conhecimentos e mais a uma regressão, a um recuo às interpretações passadas, mas ainda passíveis de elaboração (FABBRINI, 2005, p. 11).

Um outro caminho é o dos sons. Trabalhar com a música ou com outro tipo de atividade sonora que faça os alunos despertarem para os temas filosóficos é bastante válido. Mesmo assim é importante o uso em algum momento do texto filosófico. Para isso, também se espera que o aluno possa se posicionar de um modo também filosófico sobre o texto analisado e a atividade a ser realizada.

Esse passo é dado após o exercício contínuo de leitura e entendimento do texto. Somente a sua perseverança pode contribuir com a superação das dificuldades que um texto tido como filosófico pode proporcionar.

Essa escuta das razões contingentes de um texto – das regras *ad hoc* que o regem, ou seja, de seu “código” ou “ideoleto” –, pode desenvolver no aluno uma habilidade intelectual, entendida como sua capacidade de assumir uma “perspectiva” em relação a uma questão desse texto. Há, contudo, uma dificuldade a ser enfrentada pelo professor, pois a tomada de “posição” pelo aluno não é fácil, uma vez que as regras que nascem dos discursos podem não se referir a uma prática cotidiana do mundo. É importante observar, contudo, que esse desvio à linguagem – aos códigos de leitura vigentes (...). (FABBRINI, 2005, p. 12).

Atividades artísticas como pinturas, construção de charges e tirinhas em quadrinho também são uma outra opção para relacionar o tema da imortalidade da alma de Platão com o cotidiano deles. Pois, nesse processo, é importante que o aluno amplie o seu conhecimento de mundo e o seu conhecimento compartilhado. Quanto melhor os conceitos forem compreendidos e quanto maior for o vocabulário dominado pelo estudante, maiores chances de que o texto filosófico possa ser compreendido em sua totalidade.

(...) o exercício do filosofar implica um diálogo especial com os pensadores do passado e mesmo com os pensadores contemporâneos. Num caso como no outro, não estamos diante de um produto *sui generis* do qual nos apropriaríamos para uma espécie de fruição egocêntrica, mas de um processo de pensamento, de reflexão, de indagação, que busca esclarecer o sentido de todos os objetos de nossa experiência, mesmo quando já significados pelo senso comum ou pelas ciências. E se com relação aos pensadores do passado não cabe exibi-los num museu de idéias antigas, com relação aos pensadores atuais, não cabe exibi-los no museu das idéias contemporâneas. Entendam-me bem: a mediação pedagógica exige a retomada e a exposição destas idéias, não como uma peça de anatomia ou de museu, mas como uma dinâmica energética do pensar que problematiza a nossa própria atualidade. Trata-se antes, no processo de ensino/aprendizagem da Filosofia, de se articular bem o produto e o processo. (SEVERINO, 2002, pp. 6-7).

A teoria platônica por si mesma já é um caminho para o processo do filosofar. Platão ao apresentar o dualismo entre o mundo inteligível e o mundo sensível já nos faz perceber a complexidade que é tentar abstrair uma Teoria do Conhecimento. Aplicá-la ao ensino médio, também é fomentar os alunos a perceberem as coisas além das aparências sem fins meramente técnicos e profissionais.

Nota-se na atualidade na educação das crianças, adolescentes e jovens a perpetuação de um saber altamente pragmático, tecnicista, cientificista, amansador do sujeito, dissociado da percepção crítica dos saberes, enquanto realidade que se articula com a vida e realidade presente. Em termos socráticos, um projeto pedagógico sofisticado, voltado para a obtenção de resultados, aprovação em vestibulares, dissociado de uma articulação crítica e reflexiva dos saberes e realidade social contemporânea. Assim, o tempo presente exige cada vez mais uma formação educacional integral, que conjugue conhecimentos tecnocientíficos e saberes integrados à vida, à comunidade e às diferentes esferas da sociedade, com seus dramas locais e globais. A filosofia tem por natureza a formação para o despertar do “pensar”, não um simples pensar alienado, sem sentido, mas um pensar reflexivo, sistemático e, sobretudo, crítico da realidade e do próprio sujeito no mundo. (OLIVEIRA, 2012, p. 172)

Alguns passos são importantes para o bom uso da teoria platônica sobre a imortalidade da alma em sala de aula. Inicialmente, o professor precisa selecionar qual o tipo de aula pretende ministrar sobre esse conteúdo.

Em seguida, ele precisa ter clareza que dentre os conteúdos estruturantes do primeiro ano do ensino médio, a Teoria do Conhecimento tem uma série de expectativas nas quais os temas platônicos podem vir ao encontro delas⁴⁰, além de servir aos conteúdos básicos como a “possibilidade do conhecimento, as formas do conhecimento e o problema da verdade”⁴¹.

Constituída como campo do conhecimento filosófico de forma autônoma apenas na Idade Moderna, a teoria do conhecimento se ocupa de modo sistemático com a origem, a essência e a certeza do conhecimento humano. Basicamente, aborda questões como: • Critérios de verdade – O que permite reconhecer o verdadeiro? • Possibilidade do conhecimento – Pode o sujeito apreender o objeto? • Âmbito do conhecimento – Abrange ele a amplitude do real ou se restringe ao sujeito que conhece? • Origem do conhecimento – Qual é a fonte do conhecimento? (GOVERNO DO PARANÁ, 2008, p. 57)

Tomada a decisão de qual tipo de aula pretende ministrar, o professor pode fazer o convite para que os alunos tenham o contato direto com o texto platônico previamente selecionado a fim de realizar a sua leitura em sala ou ainda propor uma atividade que os sensibilize para em seguir incentivá-los a terem contato direto com o texto.

Sempre será indicada a leitura de algum trecho de Fédon de Platão que envolva a questão da imortalidade da alma. O professor poderá retomar com seus alunos o que eles entenderam sobre o texto. E quais são as palavras-chaves para a sua compreensão.

Uma sugestão é que em seguida, o docente possa insistir na releitura do texto com o objetivo de verificar a melhor compreensão de seus alunos.

Muitas atividades avaliativas também podem ser propostas aos alunos a partir da temática da imortalidade da alma, como por exemplo: encenações teatrais de alguns trechos do diálogo Fédon; cartazes com o assunto em discussão; mesas-redondas para o debate entre os que defendem que Platão pode estar certo quanto a imortalidade da alma e outros defendendo o contrário; jogos elaborados pelos alunos para debater os principais conceitos encontrados no texto platônico; charges criadas pelos discentes a fim de reescrever o texto selecionado, dentre outros.

Ao finalizar a atividade avaliativa, é preciso avaliar o processo de ensino-aprendizagem. Foram atingidos os objetivos propostos? Os alunos se envolveram na

⁴⁰ Cf. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Caderno de expectativas de aprendizagem**. Curitiba: SEED-PR, 2008. pp. 39-40.

⁴¹ GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Caderno de expectativas de aprendizagem**. Curitiba: SEED-PR, 2008. pp. 39.

atividade? Eles pensaram sobre o assunto? Quais atividades poderiam ter sido melhor realizadas? O tema da imortalidade da alma é atual?

Em contato com as questões acima e ao deparar-se com a realidade que o cerca, o estudante do Ensino Médio pode exercer a atividade filosófica ao tentar encontrar caminhos e respostas diferentes para elas. Além de evidenciar para o educando os limites do conhecimento, este conteúdo lhe possibilita perceber fatores históricos e temporais que influíram na sua elaboração e assim retomar problemáticas já pensadas na perspectiva de novas soluções relativas a seu tempo. (GOVERNO DO PARANÁ, 2008, p. 57).

Ao se reavaliar todo o processo, pode-se notar que algumas orientações sempre são válidas na construção do conhecimento filosófico junto aos alunos:

São inúmeras as possibilidades de atividades conduzidas pelo professor para instigar e motivar possíveis relações entre o cotidiano do estudante e o conteúdo filosófico a ser desenvolvido. (...) Isso se denomina (...) mobilização para o conhecimento. A seguir, inicia-se o trabalho propriamente filosófico: a problematização, a investigação e a criação de conceitos, o que não significa dizer que a mobilização não possa ocorrer diretamente a partir do conteúdo filosófico. A partir do conteúdo em discussão, a problematização ocorre quando professor e estudantes levantam questões, identificam problemas e investigam o conteúdo (...). Ao problematizar, o professor convida o estudante a analisar o problema, o qual se faz por meio da investigação, que pode ser o primeiro passo para possibilitar a experiência filosófica. É imprescindível recorrer à história da Filosofia e aos textos clássicos dos filósofos, pois neles o estudante se defronta com o pensamento filosófico, com diferentes maneiras de enfrentar o problema e, com as possíveis soluções já elaboradas, as quais orientam e dão qualidade à discussão. (GOVERNO DO PARANÁ, 2008, p. 60).

Problematizar também é algo pertinente ao professor. Embora, sempre existam alunos com este perfil tido como mais questionador. Entretanto, é preciso que haja uma investigação que leve aos alunos a possibilidade de analisarem as questões de modos diferentes e sobre várias possíveis soluções. Isso proporciona à sala de aula melhor qualidade na discussão tida como filosófica.

A imortalidade da alma é bem debatida no diálogo Fédon de Platão. Há posicionamentos diferentes sobre a alma ser mortal ou não. Compete ao professor adaptar a discussão à sua realidade escolar. Muito mais do que o docente dar respostas prontas aos seus alunos, ele deverá provoca-los com novas perguntas.

O diálogo Fédon é um clássico da filosofia. Os seus temas são atemporais. A alma e a morte são assuntos inquietantes que acompanham a humanidade. Por isso, trabalha-lo no primeiro ano do ensino médio é promover o debate e o diálogo tão necessário a esses

alunos. Fazê-los pensar sobre o sentido da vida, instiga-los a refletir sobre a sua existência. Muito mais do que saber as definições que esses personagens tiveram neste diálogo, a experiência com a temática da imortalidade da alma pode os levar para a cidadania. Sabendo o que devem fazer para ter uma vida mais feliz e digna com a expectativa de que um dia a morte chegará a todos. Que a crença na imortalidade da alma não necessariamente os levará a um suposto lugar merecido. Que mesmo que nesse momento a temática não lhes interesse, o tempo se encarregará de mostrar que a obra continua sempre sendo lida porque é um assunto que todos teremos que lidar um dia.

Assim, ensinar sobre a imortalidade da alma em Fédon de Platão também pode ser um gesto de amor⁴² quando o professor quer que os seus alunos progridam no saber. Respeitando as dificuldades e peculiaridades de cada um, ele faz com que cada discente tenha a oportunidade de pensar sobre essas questões. Muito mais do que respondê-las, ele os instiga a buscarem por si mesmo as respostas se é que elas possam existir como verdades definitivas. Nesse processo, a escuta é importante como um componente para o diálogo⁴³. Este é um caminho válido para qualquer ser humano.

⁴² FREIRE (2018, p. 52).

⁴³ IDEM (p. 50).

CONCLUSÃO

A temática da imortalidade da alma é um assunto que permeia a história da humanidade. O julgamento e a condenação de Sócrates apenas são fatos iniciais que ocasionam uma discussão ainda maior sobre esse tema que ultrapassa a vida desse filósofo.

O uso do texto platônico de Fédon em sala de aula, pode despertar nos alunos o gosto pela reflexão sobre a sua existência e o sobre o sentido de sua vida. Além disso, a possibilidade de conhecer o que é a alma e o que é o corpo é algo que permeia toda a tradição filosófica.

O primeiro ano do ensino médio possui como um dos conteúdos estruturantes, a Teoria do Conhecimento. Tal componente curricular está previsto nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio. Relacioná-la ao cotidiano do ambiente escolar compete ao professor.

Para motivar os alunos a buscarem o interesse por este conteúdo, os professores precisam repensar o uso metodológico para a aplicabilidade do texto no primeiro ano do ensino médio. Assim, algumas sugestões foram apresentadas tais como os recursos audiovisuais, a leitura do texto filosófico, a dramatização ou encenação, o trabalho com pinturas, dentre outros.

Percebe-se a importância que a temática sobre a imortalidade da alma em Fédon de Platão. Tal assunto pode proporcionar aos alunos reflexões sobre si mesmos e a realidade que os envolvem.

REFERÊNCIAS

COSTA, Mônica Baptista. **A concepção platônica da alma**. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ctch/fil/fil_monicabc.pdf> Acesso em 23/04/2018.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Caderno de expectativas de aprendizagem**. Curitiba: SEED-PR, 2008. pp. 39-40.

GOVERNO DO PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: FILOSOFIA**. Paraná: SEED-PR, 2008.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. O Ensino de Filosofia: a leitura e o acontecimento. **Trans/Form/Ação**. São Paulo. V. 28, pp. 7-27, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n1/29404.pdf>> Acesso em 06/05/2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HORN, Geraldo B; VALESE, Rui. O texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense. **Filosofia e Educação**. v. 4, nº 1, abril-setembro de 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/download/8635442/3235>>. Acesso em: 02/05/2018.

OLIVEIRA, Márcio Divino de. Filosofia para adolescentes: uma proposta de inclusão da filosofia no ensino fundamental. **Polyphonia**. Goiânia. V. 23/2. 171-186, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/download/33920/17947>> Acesso em 20/05/2018.

PLATÃO. **Fédon**: Diálogo sobre a alma e morte de Sócrates. São. Paulo: Martin Claret. 2011. (Coleção A obra-prima de cada autor).

RAUEN, Adriana Regina Feltrin. **Práticas pedagógicas que estimulam a leitura**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>> Acesso em 06/05/2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia na formação do adolescente no ensino médio**. Disponível em: <

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/afilosofianaformacaodoadolescente_severino.pdf> Acesso em 20/05/2018.

VIEIRA, Wilson José. O Ensino de Filosofia e o uso do texto filosófico no ensino médio. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, Paraná, V. 1, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_filo_artigo_wilson_jose_vieira.pdf> Acesso em 23/04/2018.